

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HELENA CÁSSIA FRANÇA BEZERRA DE OLIVEIRA

A CLÍNICA PSICOLÓGICA SOB A LUZ DA GESTALT-TERAPIA:

POSSIBILITANDO UMA *AWARENESS*

NATAL/RN

2017

HELENA CÁSSIA FRANÇA BEZERRA DE OLIVEIRA

**A CLÍNICA PSICOLÓGICA SOB A LUZ DA GESTALT-TERAPIA:
POSSIBILITANDO UMA AWARENESS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final para
obtenção de título de psicóloga do
Centro Universitário do Rio Grande do
Norte (UNI-RN).

Orientadora: Prof^a. Me. Mariana Cela

NATAL/RN

2017

HELENA CÁSSIA FRANÇA BEZERRA DE OLIVEIRA

A CLÍNICA PSICOLÓGICA SOB A LUZ DA GESTALT-TERAPIA:

POSSIBILITANDO UMA *AWARENESS*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário do
Rio Grande do Norte, como requisito
para obtenção do título de bacharel em
psicologia.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMIDORA

Profa. Ms. Mariana Cela
Orientadora

Esp. Marina Furtado Mendes de Assis
Convidada Leitora

Profa. Ms. Rocelly Dayane Teotônio Cunha
Coordenadora do curso

AGRADECIMENTOS

E então é chegada a hora de expressar minha mais sincera gratidão. Primeiramente quero agradecer à Deus, ele que é o criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, presentes e transcendentos à minha existência. Gratidão aos meus pais, que possibilitaram minha chegada e estadia por aqui, me aceitaram, cuidando, amando, educando e dividindo seus saberes, e em suma simplicidade até hoje são exemplos de valores que fazem a diferença em minha vida diante atual realidade. Gratidão à minha linda e amada família, meu marido, Emanuel, todas as palavras são poucas, então resumo que, a realização desse sonho não teria sido possível sem sua ajuda, apoio e cumplicidade que esteve e está sempre presente em nosso matrimônio, te amo. Gratidão aos meus filhos, Juninho e Izabelle, por cada momento que, do jeitinho deles contribuíram para que eu pudesse realizar esse projeto, enchendo meus dias de alegrias e esperanças, sim olhar pra vocês dois me impulsiona a ir mais longe, acredito no amanhã, na vida. A todos os familiares e amigos que de alguma maneira estão presentes em mim enquanto aqui escrevo esses agradecimentos. Sou feliz por não poder listar, pois são muitos, gratidão. *In memoriam*, gratidão aos meus sogros, D. Dorinha e Sr. Aderson, que ao longo desse percurso precisei me ajustar a uma nova forma de contato. Sinto que deixaram em mim um pouco deles, e com eles, acredito levaram um pouco de mim. Gratidão a amiga Priscila, tão jovem, mas com uma maturidade nas experiências vividas que logo estabelecemos uma comunicação de muita reciprocidade, e muitas trocas aconteceram, você foi paciente, o melhor presente que se pode ganhar, mais que uma colega das atividades acadêmicas, uma amiga de verdade. Gratidão a todos colegas com quem dividi além do espaço acadêmico, as várias atividades, conversas, risos e angústias. Gratidão ao grupo de supervisão, Joana, Maryanne, Dayane, Idelbrando, Carla, e ainda, Marquidones e Mônica. Dividimos grandes momentos em sigilo e respeito mútuo, aprendemos a ouvir mais, partilhamos nossas experiências de alegrias e

angústias, foi um grande aprendizado. E de maneira muito especial gratidão aos mestres que com muito empenho e sabedoria dividiram seus conhecimentos, entre eles a minha escolhida, a Ms. Mariana Cela. É no seu jeito simples, mas intenso de ser e acreditar na vida, em seu olhar ao ser humano com toda sua singularidade e complexidade, que me inspiro e dia após dia escolho acreditar mais e mais nas pessoas, no quanto “humanas” elas são. Que Jesus e Maria Virgem Mãe, conceda à cada uma das pessoas aqui citadas, vida longa e abundante de sabedoria e discernimento em seu amor e misericórdia eterna. Gratidão eterna à todas.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso elucida os principais pressupostos teóricos da gestalt terapia e o estágio na clínica psicológica no Centro Universitário - UNI-RN. Aqui foram elencados os principais aspectos das teorias que fomentam a fundamentação teórica e prática de gestalt terapia, entre esses estão a fenomenologia, o existencialismo, o humanismo, e alguns de seus principais conceitos, são eles: aqui-agora, *awareness*, ajustamento criativo e figura-fundo. A partir desses pressupostos teóricos a gestalt-terapia foi aplicada na clínica psicológica, através de uma visão de homem livre, imerso em infinitas possibilidades, que consciente de sua liberdade pode ser contemplado à um estado de “*awareness*” e assim fazer escolhas. Enquanto ser de relação no espaço e tempo do aqui-agora, o homem está em contato permanente com seu mundo interno e externo e numa eterna busca de sentido para sua existência. Em conflito nesse contato, falho de sentido existencial, adoece, e quando isso acontece precisa acessar sua capacidade de se autorregular, ajustando-se criativamente ao novo que se desvela cada vez que se permite experimentar novos significados. Sob a luz da presente teoria, foram realizados alguns atendimentos com pacientes em psicoterapia individual e plantão psicológico, com supervisão, pela professora Ms. Mariana Cella, nas clínicas Integradas do UNI-RN. Faz parte do referido trabalho a apresentação de um estudo de caso. O estágio na clínica psicológica é solo fecundo para o encontro da dualidade teoria e prática, considerando ser inegável que a teoria faz a prática, e por vezes a prática pode produzir teorias a partir da relação paciente, terapeuta e meio que os envolve.

Palavras Chaves: Gestalt terapia. Clínica Psicológica. *Awareness*.

ABSTRACT

This completion of graduation paper elucidates the main theoretical assumptions of Gestalt-therapy based on the practice of the internship at the psychological clinic in the University Center of Rio Grande do Norte - UNI-RN. It is listed the main aspects that support the theoretical and practical foundation of gestalt therapy, among which are phenomenology, existentialism, humanism, and some of its main concepts are: here-now, awareness, creative adjustment and figure-background. From these theoretical assumptions Gestalt-therapy was applied in the psychological clinic, through a conception of men, immersed in infinite possibilities, and that through the conscious of its freedom can be contemplated to a state of "awareness" and thus to make choices. As long as it is related to the space and time of the here-now, man is in permanent contact with his inner and outer world and in an eternal search for meaning of his existence. In conflict with this contact, it misses the existential sense, becoming ill, and when this happens, it must access its ability to self-regulate, creatively adjusting to the new that is revealed every time one allows oneself to experience new meanings. Under the light of the present theory, some patients were treated with individual psychotherapy and psychological counseling, with supervision by the teacher Msc. Mariana Cela, at the Integrated Clinics of UNI-RN. Part of this paper is the presentation of a case study. The internship in the psychological clinic is fertile soil for the encounter of duality theory and practice, considering that it is undeniable that theory does practice, and sometimes practice can produce theories from the patient, therapist and environment that surrounds them.

Key words: Gestalt therapy. Psychological Clinic. Awareness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1	FENOMENOLOGIA	10
2.2	EXISTENCIALISMO	11
2.3	HUMANISMO.....	13
2.4	GESTALT- TERAPIA	14
3	ALGUNS DOS PRINCIPAIS CONCEITOS DA GESTALT TERAPIA.....	17
3.1	AQUI AGORA	17
3.2	AWARENESS.....	17
3.3	AJUSTAMENTO CRIATIVO.....	18
3.4	FIGURA FUNDO.....	18
4	CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTÁGIO.....	19
5	ESTUDO DE CASO.....	21
5.1	APRESENTAÇÃO DO CASO	21
5.2	SEGUIMENTO DO CASO: DEMANDA, TRATAMENTO E FECHAMENTO..	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

1.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O TCC tem a finalidade de elucidar as bases teóricas e filosóficas precursoras que proporcionaram o solo fecundo para o nascimento da Gestalt Terapia, e que até os dias de hoje contribuem na aplicação de seu método, sendo algumas dessas bases a Fenomenologia, o Existencialismo, o Humanismo e alguns dos conceitos-chaves dessa psicoterapêutica. O presente trabalho tem como principal objetivo, explanar esses fundamentos teóricos e apresentar um estudo de caso, escolhido entre os vários atendimentos realizados durante as práticas em estágio supervisionado da clínica psicológica sob a luz da Gestalt-Terapia, contemplando os pontos de convergência entre os arcabouços teóricos estudados e suas práticas na clínica psicológica. A gestalt terapia aplicada na clínica psicoterápica concerne ao seu cliente um espaço de escuta, acolhimento e experimentos numa perspectiva fenomenológica-existencial, possibilitando a busca de sentido através de sua tomada de consciência “*awareness*”, quando o mesmo se percebe por particular motivo ou situação sem possibilidades de escolhas, nesse momento o gestalt terapeuta caminha junto ao paciente, valorizando o experimento, viabilizando novos significados em meio a sua condição de existência, dentro do tempo e espaço do aqui e agora. O estágio supervisionado tem a finalidade de proporcionar a vivência da prática da clínica psicológica, agregando experiências para a vida acadêmica, pessoal e futuro profissional a partir da conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN, realizado nas Clínicas Integradas da mesma instituição.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FENOMENOLOGIA

Conforme Penha (2014), o método fenomenológico tem sua origem em Edmund Hurssel, no final do século XIX, em que ele buscou uma maior compreensão nas diferenças entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos criados anteriormente por seu professor e ex-sacerdote Franz Brentano (1830-1917). A fenomenologia surge em meio a um campo investigativo em que o homem poderia dominar a natureza e descobrir o sentido de sua existência objetivamente através apenas de suas percepções sensoriais. Logo em seguida uma emergente explosão na evolução das ciências, e seus campos teóricos, principalmente da físico-matemática, coloca por terra antigas concepções em que os métodos científicos são baseados na mecânica, para dar espaço à contribuição subjetiva, considerando que o movimento das coisas é relativo ao observador, é nesse contexto de transição do conhecimento científico que emerge a fenomenologia de Hurssel.

A fenomenologia passa a existir em meio a um processo de reconhecimento e investigação de possibilidade ao sentido humano de ser, em uma época em que os seus comportamentos eram tidos como cientificamente imutáveis. Nesse percurso da humanização das ciências concebida por Hurssel, através do método fenomenológico, houve um arraigar-se à noção de intencionalidade, tornando-se a intencionalidade a característica primordial da consciência, nos permitindo, através desta, mais que perceber ou arquivar figuras de toda realidade objetiva que nos é apresentada, saindo dessa configuração a intencionalidade da consciência nos permite ver para além do materialismo ou idealismo (PENHA, 2014).

Para Refhfeld (2013), a intencionalidade da consciência é então o sentido dado as coisas que existem, que são construídas através do mundo das relações, as coisas em si são esvaziadas de sentido, na perspectiva do conceito de intencionalidade, cada ser constrói seus próprios sentidos a partir de suas experiências relacionais com o mundo interno e externo ao seu ser de existência.

Edwal (2008) considera que o método fenomenológico, busca captar a ideia mesma das coisas, tal como ela se apresenta, sem que nada lhe seja acrescentado, nenhuma concepção nem julgamentos, e para atingir essa capacidade de captação, Husserl nos apresenta em sequência a “redução fenomenológica” ou “*epoquê*”, “*epokhê*”, palavra grega que significa cessação, suspensão. Nesse estado mental do “*epoquê*”, nada afirmamos ou negamos, trata-te de pôr entre parentes nossas concepções pré-existentes sobre o fenômeno apresentado, considerando a devida e inegável forma como ele se mostra, se desvela no momento presente, no aqui-e-agora, neste campo e neste espaço, seja uma percepção, uma emoção, uma imaginação, recordação ou expressão corporal.

Assim, a fenomenologia vai ser utilizada enquanto método investigativo, e como base filosófica, pelos psicoterapeutas gestaltistas, tendo como uma de suas principais ferramentas a redução fenomenológica que irá conduzir o fazer terapêutico, proporcionando a manifestação do fenômeno, em sua essência, livre e consciente. RIBEIRO (1985, P. 43), diz: “Sendo assim, temos que partir das coisas mesmas, temos que chegar às coisas mesmas [...]”.

2.2 EXISTENCIALISMO

Para Penha, (2014), o existencialismo surgiu ao final do século XX, e teve seu principal expoente Jean Paul Sartre (1905-1980), que buscou explicar os aspectos das experiências humanas, a princípio sob forte influência da fenomenologia de Husserl e Heidegger. A corrente filosófica do existencialismo exerce influência sobre o fazer e ser da prática do profissional da gestalt-terapia por ser uma corrente que vislumbra a singularidade do homem em seus aspectos particular e concreto enquanto ponto central na sua existência, proporcionando espaço para que o homem se perceba um ser livre e único em suas experiências. Essa prática permite à cada pessoa uma busca ao empoderamento da consciência do “existir” em sua mais profunda essência.

Historicamente, a palavra essência antecede, *Essentia*, derivada do verbo *esse*, ser, quando na meditação filosófica os latinos se dispunham a pensar aquilo que é,

diziam estar pensando na essência da coisa. Surge muito mais tarde a palavra em latim *existentia*, derivada de *existere*, que mais exatamente, existência, na origem, é sinônimo de mostrar-se, exhibir-se, movimento para fora. A partir de uma visão existencialista o ser, o homem inexoravelmente precisa descobrir seu lugar de existência, surgido no mundo livre de qualquer definição prévia, escolhe e descobre sua essência no percurso de sua vida, se desvelando entra em contato com sua essência, com tudo que lhe é particular, singular e permeado de sentido. Em Heidegger, há uma “questão do ser”, logo do existir, numa busca constante de significados. O *Dasein*, que é um dos termos básicos da linguagem Heideggeriana, é, portanto o ser que se encontra aí, é o ente, é tudo aquilo de que falamos, é o singular, concreto, é o ser aí. Sendo presença, o *Dasein* é um “Ser-no-Mundo”, é nossa existência cotidiana, é o indivíduo, é o homem (PENHA, 2014).

O *Dasein* se relaciona com o mundo e seus objetos, constrói e é construído através de suas relações, porém se diferencia desses a partir de sua tomada de consciência enquanto ser que existe em sua autenticidade, liberdade e busca de sentido nas suas relações. E através das próprias experiências, permeados de angústia torna-se passível de atingir sua integralidade, é um ser de vontade, que uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer, por suas escolhas, (PENHA, 2014).

Para Ewald, (2008), o existencialismo vislumbra o valor e o significado do homem, significado proporcionado à medida que esse homem se desvela, tomando consciência de si e do mundo.

Fundada na filosofia existencialista a Gestalt-terapia contribui para um espaço terapêutico, onde o homem é o ser de possibilidades, consciente de sua liberdade e responsabilidade é capaz de realizar escolhas dentro das condições existenciais mundanas, internas e externas à ele, proporcionando uma ampliação da consciência de si e do mundo (sua *awareness*). Sustentando sua prática numa perspectiva de homem no mundo como ser de relação constante, num eterno vir a ser, realizando assim seu projeto existencial (CARDOSO, 2013).

E sobre esse processo, Ribeiro (1986, p. 32) diz: “isto significa a necessidade de se tentar compreender o indivíduo a partir de sua singularidade, de seu manifestar-se subjetivo. Conhecer é, portanto, fazer um apelo à existência, à subjetividade”.

2.3 HUMANISMO

Para Bezerra e Bezerra, (2012), o “humanismo” pode ser compreendido como um conjugado de títulos que constituem a valorização e a dignidade intrínseca à pessoa, independentemente de sua condição atual no mundo, indicando que cada homem deve ser tratado em seu âmbito social sob a manutenção de respeito, justiça, honra, amor, liberdade e solidariedade. O movimento humanista surge para dignificar o homem, olhar para este e lhe dar o significado de ser, que se diferencia das outras espécies que habitam o mundo, e este é passível de se relacionar, olhando sempre para o entendimento de sua totalidade e integralidade humana. Bezerra e Bezerra afirmam que:

O humanismo vem a ser, etimologicamente, tudo aquilo que se volta para o humano. O Humanismo toma o homem como foco de qualquer preocupação filosófica; é uma interrogação sobre o ser, que surge desde os filósofos gregos. (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 24).

De acordo com Mendonça (2013), na década de 1960, surge o movimento chamado “terceira força da psicologia” a partir de um sentimento de desânimo emergido em contradição aos conceitos mecanicistas e materialistas da cultura ocidental da época que se utilizava das abordagens behaviorista e psicanalítica. Os psicólogos humanistas não mais se convenciam de que esses arcabouços em suas referidas perspectivas seriam capazes de atender aos anseios humanos e suas questões de sentido, naquele momento histórico do pós guerra. Essa vertente teve ainda a grande contribuição de Maslow, entre outros. Maslow foi considerado o pai espiritual da psicologia humanista caracterizando o humanismo em uma concepção também holística.

A Gestalt-terapia, em suas origens fenomenológicas-existencial, humanistas e holísticas reconhece no homem uma capacidade de se autogerir e autorregular, que tem seu funcionamento integral. Mendonça (2013, pag. 80) afirma que: “A autonomia do espírito humano, capaz de encontrar por si mesmo a melhor alternativa para suas dificuldades, é o ponto de encontro entre humanismo e Gestalt terapia”.

2.4 GESTALT- TERAPIA

A Gestalt-terapia, tem como um de seus criadores Frederic S. Perls, que teve seu desligamento da psicanálise na ocasião em que não mais concordava com os métodos e ideias da teoria. Esse fato foi confirmado a partir de sua obra, o livro “*Ego, hunger and aggression*” em 1942, emergindo assim suas controvérsias aos fundamentos da teoria Freudiana. A “gestalt-terapia” então surge para uma nova estruturação ao campo clínico, Perls, no ano de 1951 publica nos EUA a primeira obra puramente gestáltica “*Gestalt Therapy*”, em parceria com Paul Goodman e Ralph Hefferline. A abordagem gestáltica, numa perspectiva fenomenológico-existencial e também holística do aqui e agora, entende o homem como um ser, um “*Dasein*”, singular em suas experiências existenciais, que vive e se relaciona através de uma corporeidade (um corpo que sente) que é temporal e espacial, emergido em possibilidades a partir de suas escolhas, e que consciente dessas escolhas, atingindo sua “*awareness*”, apodera-se de suas atitudes e responsabilidades. Para além de uma teoria que busque entender o ser humano a gestalt possibilita um espaço onde ele mesmo possa se compreender, autogerir, percebendo que quando se trata de ser humano tudo acontece ao mesmo tempo: gestos, sentimentos, falas, conflitos, sonhos, numa simultaneidade, e sem que necessariamente lhe seja imposto uma técnica, mas abrangendo que o homem é muito mais que todas essas partes, em suma: “há uma imensidão de partes que compõem esse todo” (RODRIGUES, 2011, P. 176).

Ribeiro (1985, p. 26) diz que a Gestalt-terapia, em sua filosofia base:

“Trata-se de uma reflexão filosófica a partir do sentido do homem no mundo, a partir de elementos onde teorias como a de campo, a holística e gestáltica, com

a práxis psicoterapêutica, tentam iluminar esta vasta área do conhecimento humano, dificultado na compreensão pela própria reflexão do que é e de como se é, existindo.”

Para Rehfeld (2011), a Gestalt-terapia é fenomenológica por sair de uma posição prévia de visão de homem, não havendo espaço na prática psicoterapêutica, para as interpretações previamente construídas, a *priori*, ou seja, fatos já concebidos, permeados de pré-conceitos, concepções religiosas e biológicas, enfim o terapeuta gestáltico irá ao encontro do fenômeno que se apresenta tal como ele é e está naquele exato momento. Em face ao modo de ser terapêutico contemporâneo, a gestalt deixa de se utilizar das técnicas que no início tinham o objetivo de facilitar a expressão dos seus clientes e passa a valorizar o experimento, tendo em vista que a técnica induzia o cliente em sua expressão de chegar até onde o terapeuta já estava, atendendo a algumas concepções proeminentes, no experimento cliente e terapeuta caminham juntos ao novo para os dois. Na fenomenologia a consciência é “síntese em fluxo”, é dinâmica e não tem substancialidade, ou seja, o homem não é “uma coisa entre coisas”, ele é um ser “que se mostra no que aparece”, em “awareness”, numa consciência em fluxo, saindo do naturalismo objetificante: a gestalt terapia é também fenomenológica.

RODRIGUES (2011, p.28), afirma:

“Temos em mente qual é o objetivo da GT: gerar uma forma de trabalhar que inclua a relação terapeuta/cliente e que priorize a conscientização ampla da pessoa sobre sua própria forma de ser ou agir, e que não se detenha apenas as explicações sobre tais formas”.

De acordo com Ribeiro (2006), na clínica, a palavra gestalt convida cliente e terapeuta a um encontro produtivo de relação, numa visão de totalidade no mundo, não sendo a sala apenas um pequeno espaço que se delimita às suas paredes, mas que é envolvido e permeado por todo o mundo que o cerca, invisível e silenciosamente, e é justamente quando o homem se desconecta desse contato de sensação de sua totalidade com o mundo que o terapeuta pode atuar e juntos poderão retomar essa unidade de sentido, sua totalidade, se reconfigurando prazerosa e conscientemente à sua primeira morada, numa totalidade viva e operante.

Nessa perspectiva, Helou (2015, p. 144) argumenta que:

“A meta proposta da gestalt-terapia é a recuperação do crescimento da personalidade humana, a ser atingida pela integração das partes excluídas pelas dicotomias. O resultado seria o resgate da tensão dialética da vida – e, com isso, a recuperação da espontaneidade criativa que dava sentido à vida. Essa meta recorrente – a identificação e a superação das dicotomias da personalidade a fim de recuperar e manter a tensão de forma dialética do pensar, sentir e agir – parece ser o fio condutor das obras de Perls”.

Para Rodrigues (2011), o processo psicoterápico tem o objetivo de propiciar aos clientes condições de interações nas suas partes. Ou seja, é preciso que cada cliente reconheça, encontre, desvele-se em partes que se integram. Para além de um diagnóstico clínico, existe sua força, sua determinação, sua esperança, suas peculiaridades, subjetividades que lhe compõem. Está doente corresponde apenas a uma dessas partes, seu todo é composto por outra várias partes que se integram simultaneamente.

3 ALGUNS DOS PRINCIPAIS CONCEITOS DA GESTALT TERAPIA

3.1 AQUI AGORA

Segundo Ribeiro (2006), o aqui-agora se apresenta como um dos principais conceitos da gestalt terapia, numa relação espaço e tempo, intrínseca, indissociável, mas que o homem muitas vezes não se percebe nessa dualidade. Quando falamos aqui nos referimos a espaço, agora nos referimos ao tempo, aqui agora significa presença total de uma determinada situação em questão. Estando totalmente presente, a existência do homem (seu tempo), se confunde plenamente com sua essência (seu espaço), no aqui-agora, ele é todo o seu tempo e seu espaço, numa relação interdependente, que são os causadores de toda sua realidade existente. A gestalt-terapia percebe o homem nessa perspectiva de integração no aqui-agora, em sua identidade, possibilitando mais condições de qualidades para seu exercício da liberdade de escolha.

3.2 AWARENESS

Conforme Ribeiro (2006), *Awareness* é um conceito central dentro da gestalt terapia, entendendo-se *awareness* como consciência da própria consciência, uma consciência que não é algo somente cognitivo, mas um empoderamento, exaltado pela sensação de integração das partes internas e externas ao homem. Quando através da captação de sua realidade esse se percebe em contato com mundo e no mundo o homem encontra sentido para sua existência, e é só a partir dessa experiência de tomada de sentido que o homem realizará as mudanças na sua vida, compreendendo a importância de todas as suas relações com o mundo e consigo em todo o contexto, cognitivo, emocional, e ou motor, realiza-se um encontro com sua totalidade, algo que acontece por acaso ou transcendentemente. Ribeiro (2006, p. 75), considera que:

“*awareness*, portanto, é mais que estar atento, é mais ou diferente de estar consciente. É um dar-se conta, um olhar para dentro, final e conclusivo”.

3.3 AJUSTAMENTO CRIATIVO

De acordo com Ribeiro (2006, p.64): “o ajustamento criativo é a mais importante função de prevenção primária do organismo”. O homem através de seu corpo se relaciona consigo e com seu meio ambiente, e é através dessa relação consigo e com o outro que o ajustamento se faz, a partir de sua capacidade de se autorregular, seja por processo natural instintivo ou a partir de instrumentos que viabilizem o ajustamento. Estar doente diz de uma ruptura dessa relação orgânica e natural, enquanto estar saudável é estar atento a esse processo numa relação parte-todo, figura-fundo, dentro-fora, onde o organismo acontece como um todo. O homem é uma sublime síntese da soma de todas as partes, e precisa interagir na mais perfeita harmonia, só assim manterá seu *self* preservado em sua capacidade de se auto-regular e auto-ajustar.

3.4 FIGURA FUNDO

Segundo Rodrigues (2011), O homem olha para o mundo através de uma ótica que lhe é peculiar, singular, sempre em busca de atender suas próprias necessidades, de modo que tudo aquilo que no momento não lhe é importante fica fora de seu campo de visão, não que o objeto não esteja presente, apenas não lhe é atingível em sua percepção, por sua irrelevância circunstancial, isso acontece até que seja suprida sua emergência, pois existe um anseio a um fechamento dessa necessidade, podendo ser de natureza orgânica (fome, sede, doenças) e para além dessas pode emergir figuras da ordem de necessidade de afeto, justiça, aprovação, busca de sentido para a vida, o que o autor vai chamar de “fechar a gestalt”. Nessa perspectiva, a necessidade emerge como “figura”, a partir de um cenário onde o sujeito encontra-se inserido, esse cenário ou contexto será chamado de “fundo”, que vai ser tudo que o cerca, ele próprio, sua história, ou seja, tudo que irá proporcionar o surgimento de algo.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTÁGIO

O estágio supervisionado está sendo realizado nas Clínicas Integradas do UNI-RN, na ênfase clínica, sobre a perspectiva da gestalt-terapia e supervisão da Profa. Ms. Mariana Cella. Os atendimentos em psicoterapia acontecem todas as quintas-feiras no turno matutino, nos horários das 8:00h, 10:00h e 11:00h. No momento são três os usuários do serviço escola, sendo esses uma criança, uma adolescente e um adulto. Cada sessão tem duração de cinquenta minutos, uma vez por semana no período entre os meses de abril a novembro do ano corrente. Faz parte dessa experiência a prática de atendimento no plantão psicológico, no horário de 09:00h e das 12:00 às 13:00h, todas às quintas-feiras. A supervisão de estágio acontece todas as quartas-feiras, de 13:00h às 15:00h.

O presente estágio supervisionado é conduzido sob a ótica da gestalt-terapia na prática da clínica psicológica, paralelamente aos estudos desenvolvidos durante esse primeiro semestre no ano de 2017 é pertinente afirmar a congruência entre teoria e prática da perspectiva teórica gestáltica. A gestalt-terapia entende o homem como um ser de relação, ser de busca de sentido, numa concepção de ser no mundo, ser de contato, focado no “aqui e agora” responsável por suas escolhas, que a partir de uma *awareness*, se reconhece, ativo e capaz de se autorregular. A gestalt-terapia é fenomenológica-existencial e holística.

Quanto a presente teoria:

Segundo Jorge Porciano Ribeiro (2006, p. 137):

Gestalt significa uma totalidade fenomênica, uma configuração de partes em inter e em intra-relação, formando uma unidade de sentido. Gestalt é uma unidade de sentido, um fenômeno, algo que aparece como um nome e se torna algo para a minha consciência.

Ao encerramento do estágio será apresentado um estudo de caso, em face a confrontar as revisões teóricas e suas aplicações na clínica psicológica aos resultados colhidos dessa prática, proporcionando assim espaço para discussão, investigação e

aprendizado, através da continuidade desse trabalho enquanto pré requisito para a futura formação acadêmica em profissional de psicologia.

5 ESTUDO DE CASO

5.1 APRESENTAÇÃO DO CASO

O presente caso clínico é de uma jovem cliente que chamarei de Juliana (nome fictício) e foi realizado no período de 11 de maio à 8 setembro do ano corrente. Ela tem 15 anos, estudante da 1ª série do ensino médio, mora com seus pais, um irmão de 11 anos e a irmã de 17 anos. Juliana chegou para atendimento no plantão psicológico acompanhada de seus pais, através de um encaminhamento da sua endocrinopediatra, no qual existia um diagnóstico de hiperplasia adrenal (pseudo-hermafroditismo), e a queixa inicial era de apresentar: “comportamento fechado, poucos amigos e sentimento de exclusão”. Nesse mesmo dia houve um primeiro momento com Juliana e outro segundo momento com seus pais.

Na primeira ocasião Juliana apresentou-se com aparente ansiedade, expressada através de suas mãos sempre agitadas e falas seguidas de risos descontrolados e muito choro. Questionada sobre o motivo de sua vinda ao atendimento, ela dizia que devia ter sido devido ao fato de sua irmã ter lhe flagrado numa tentativa de cortar-se com uma faca de cozinha, e diz não saber dizer porque o tinha feito. Fala de seu quadro clínico sem esclarecer detalhes, ficando confuso o seu diagnóstico médico. Só em seguida sua mãe apresentou o encaminhamento médico, na ausência da jovem.

Após o encontro com a jovem e seus pais, me senti desafiada e insegura, estava ali um caso bastante delicado, não que os outros não fossem, porém desde o início me senti afetada com todo conteúdo trazido pela jovem e seus pais. Percebi o quanto o caso ia exigir um olhar de sensibilidade, autenticidade e firmeza no agir, considerando que iria passear num campo de emoções em que havia supostos detentores da guarda e proteção daquela jovem (seus pais), e ao mesmo tempo um campo germinado por expectativas, medos e dúvidas, permeado pelas várias questões que envolvem essa fase do desenvolvimento (a adolescência) bem como suas particularidades e especificidades humanas.

Num segundo momento num encontro com seus pais, fica mais claro o diagnóstico de Juliana. E o que chama mais atenção é o fato de que a adolescente realmente não tinha conhecimento de seu real quadro clínico, não que seja esse o motivo mobilizador do processo, em minha perspectiva. Mas o fato dizia da existência de uma limitação por parte de seus pais em não esclarecer os conteúdos para a filha. E o que vai surgindo no *setting* terapêutico, é uma insegurança desses pais, pois desde o nascimento de Juliana eles não aceitaram o quadro clínico da filha. A mãe trouxe o termo de “monstruosidade”, era assim que percebia e visualizava o diagnóstico da filha. Ao relatarem toda História, desde o início de seu nascimento, a notícia do diagnóstico e todo acompanhamento ao longo dos quinze anos de vida da jovem, aparece na fala de seus pais sentimentos de muita angústia, medos obscuros, cuidados e muita dedicação ao ponto de acharem que vão poder protegê-la sempre, de tudo e de todos. Contudo eles afirmam que a jovem convive bem com a doença, e não consideram necessário esclarecer os detalhes, ou seja, Juliana é informada de que tem um problema renal, toma uma medicação diariamente, sobre na pressão de que se for dormir sem tomá-la, pode não estar viva no dia seguinte, mas desconhece sobre seu quadro de hemarofroditismo. Realizou cirurgia ainda na infância, em torno dos quatro anos de idade. Seus pais, especialmente sua mãe diz não se sentir preparada para falar sobre o assunto com a filha e não permite também que ninguém fale.

Em face de todo este cenário, fica perceptível uma grande angústia desses pais, ao mesmo tempo uma tentativa de não entrar em contato com seus dados de realidade, causando conflitos e desequilíbrio emocional nas suas relações familiares. Na ocasião tento deixar claro que o mais importante é o olhar para Juliana em todo seu contexto de vida, levando sempre em consideração as necessidades emergidas diante sua fase de desenvolvimento, pontuada como adolescência, pois os pais da jovem e o próprio encaminhamento médico à tratavam como sendo uma “criança”. Foi preciso também apresentar aos pais, e a jovem que para além de um diagnóstico médico, existia um ser integrado, chamado “Juliana”. Ser de pensar, sentir e agir. E o espaço da terapia seria de proporcionar a jovem melhor conhecer seus movimentos, sentimentos e pensamentos. E o objetivo principal no processo, seria de que juntas, cliente e terapeuta pudessem descobrir e construir caminhos que lhe fossem significativos dentro

de suas condições e escolhas. E que o processo só seria possível se a mesma escolhesse participar e abrir-se para ele. Sobre isto Rodrigues (2011, p. 174), fala:

“Faz parte do processo a pessoa estar onde realmente estar, incluindo o seu desejo de querer se manter apegada ao que lhe é familiar, conhecido, aos aspectos que desagradam até a ela mesma, para que ela possa retomar as mudanças que ela deseja quando verdadeiramente se sentir pronta para isso”

O aporte teórico e um acolhimento autêntico, nesta perspectiva de respeito ao momento e liberdade de escolha concebida a cliente, considero ter sido de extrema importância para o seguimento da terapia.

5.2 SEGUIMENTO DO CASO: DEMANDA, TRATAMENTO E FECHAMENTO

Desde a primeira sessão após o plantão psicológico, Juliana diz não querer estar ali, na terapia, e me pergunta se considero necessário que ela venha à terapia. Falo que, diante de seu encaminhamento e principalmente devido algumas questões apresentadas por ela, considero importante o processo, no entanto ela podia escolher participar ou não dele. Traz aspectos de curiosidades sobre a doença, porém diz que não gosta de perguntar sobre suas curiosidades, não costumam falar sobre isso em casa. Fala de uma amiga, na qual confia e gosta de estar junta.

As sessões seguiram e Juliana apesar de ter que se deslocar do interior para a capital, durante a madrugada, viajando por três horas todas as quintas-feiras, faltando aula, chegava sempre pontualmente e justificava suas poucas faltas, quando precisou faltar. Em contrapartida, aos fatores que perpassavam sua vinda a terapia, a jovem sempre trazia a sua inquietação por não considerar necessário estar fazendo terapia, só estava vindo porque seus pais a obrigavam. De tanto ela apresentar esse dado, encontramos juntas um possível elemento que talvez emergia sua principal demanda naquele momento, uma conquista a sua autonomia. Juliana trazia para as sessões conteúdos de timidez, insegurança, isolamento e dificuldade em frustrar o outro. Submetendo-se sempre aos que outros pensavam e queria que ela fizesse, deixando de se posicionar sobre o que pensava e gostava, ao que realmente fazia sentido para

sua vida. As sessões foram seguindo numa perspectiva de empoderamento e responsabilização de suas atitudes, começando pelas suas relações consigo mesma, na família e abrindo-se as demais relações.

- Terapeuta: O que você considera importante fazer para que seus pais percebam que você não precisa da terapia nesse momento?

- Juliana: Vou falar com eles.

- Terapeuta: Tudo bem, só é importante ressaltar que mais que falar, é preciso que suas ações façam com que eles percebam que você pode conduzir suas relações e atitudes com mais equilíbrio e segurança emocional. Acha que pode fazer isso?

No início da terapia quando era questionada sobre suas atitudes diante da vida e de suas relações, Juliana percebia-se no lugar de vitimizada pelas situações impostas, e não se dava conta de que fazia suas próprias escolhas e de que tinha responsabilidades sobre elas. Em uma sessão falou que: “sentia-se meio pressionada, devido às perguntas que eu lhe fazia e sentia vontade de fugir, não sabia responder”. Apresentei para a jovem que a mesma sempre estava respondendo aos meus questionamentos do seu jeito, e questionei quais seriam as respostas que ela consideraria certo ou errado responder, o que de fato ela considerava necessário ser falado naquele momento. Refletimos ainda se fugir era a melhor solução para resolver seus problemas quando a mesma se defrontava com eles, ao sentir-se sem saída. Falamos sobre possibilidades diante de situações supostamente parecidas sem saídas, e que naquele espaço não existia julgamentos do que era certo ou errado sobre suas concepções, pensamentos, sentimentos e ações. Acredito que desde então foi criado um espaço terapêutico de liberdade de expressão, segurança e confiança.

Segundo Rehfeld (2013), para apreender o homem singular e único que se mostra fenomenologicamente falando, é preciso escaparmos de nossas concepções e definições *a priori*. E como fazer isso? Sempre questionando o *pré-dado*, por mais que pareça ser o óbvio, ao fazermos isso suspendemos nosso senso comum, as construções tradicionais, lineares e estigmatizadas, ou seja, nossos preconceitos e julgamentos. Saindo de uma visão previamente definida ao homem que se apresenta, buscaremos uma nova compreensão desse homem, isso é considerado um fazer fenomenológico e gestáltico.

As sexta e sétima sessões foram permeadas por conteúdos de uma possível conversa com sua mãe sobre a condição de Juliana não continuar com o processo.

- Terapeuta: O que acontece se você falar para sua mãe que não quer mais vir à terapia?

- Cliente: Ela vai ficar muito brava...

- Terapeuta: Tudo bem, entendo, ela vai ficar brava, e o que mais pode acontecer?

- Cliente: Não sei... ela pode até me bater...não costuma fazer isso, mas tenho medo.

- Terapeuta: E como você considera possível de descobrir o que vai acontecer?

- Cliente: Prefiro tentar novamente conversar com ela...

Sempre que Juliana falava sobre seu desejo de não permanecer em terapia se desculpava fazendo questão de reafirmar que “não é nada contra você!”. O que mais uma vez mostrava seu medo em frustrar o outro e trazia no aqui-agora a oportunidade de trabalharmos esta questão em nossa relação.

No encontro seguinte Juliana não falou sobre uma sua possível conversa com a mãe. E começou a trazer outras questões suas relacionadas a irmã mais velha, apresentando um sentimento de inferioridade e menos valia aos olhos dos pais, que segundo a jovem elogiavam muito mais a irmã do que à ela. Perguntei o que ela considerava que a irmã fazia para ganhar os elogios, e Juliana responde que ela estudava muito e que ela (Juliana) não gostava tanto de estudar. Então fui mostrando a partir de dados apresentados na sua fala, que talvez houvesse sentido nos elogios, ao fato que sua irmã estava atendendo muito mais as expectativas de seus pais relacionada aos resultados de seus estudos, e que isto não à tornava menos importante ou inteligente que sua irmã. A expectativa era de seus pais e não sua. Refletimos sobre isso e ela fala que “olhando assim faz sentido”. Coloquei então uma situação de risco para as duas irmãs indagando se seus pais exitariam em dar prioridade de ajuda a uma delas, ela fala que não, sabe que eles as amam e seriam capazes de tudo para salvá-las de uma situação de risco. Fui mostrando então se ela percebia o quanto às vezes é cômodo ficar em um lugar de julgamentos, se vitimizando, como se tudo acontecesse e ela não pudesse agir e nem fizesse parte do movimento de sua vida. Por

quantas vezes será que surge esses sentimentos em que é vítima das situações de sua vida e como lida com eles? Sobre esta ótica:

Fukumitsu (2013, p. 41) argumenta que:

“Todo fenômeno deve ser compreendido em seu contexto, seguindo a ampliação abrangente de que primeiramente é necessário que se desvele o fenômeno no campo perceptivo do sujeito, e, em seguida, compreenda-se o campo perceptivo e sua relação com o mundo. Concomitantemente, a proposta de Husserl coloca as atividades do sujeito pensante em ligação direta com o mundo.”

No seguimento dos nossos encontros, Juliana começa a se apresentar entusiasmada a participar da terapia, passa a não reclamar de sua vinda e diz que agora ela vai provar para seus pais que não mais precisa fazer terapia. A jovem sempre fala que não tem nada a ver com minha pessoa, mas não gosta de estar perdendo aula, viajando de madrugada e ainda tendo de justificar os motivos das faltas para seus colegas da escola. Em alguns momentos apresenta expressões agressivas, percebo então que a jovem só consegue falar o que quer e pensa quando chega no limiar de suas emoções, em meio a raiva e revolta, o que por vezes é interpretado por sua família como um desequilíbrio, chegando seu pai a questionar-me se eu tinha detectado algum transtorno na jovem. Juliana começa participar mais ativamente das atividades na escola, e entra em um projeto de pesquisa e extensão em que muito se empenha passando a se apresentar nos encontros, alegre, sorridente e com claro objetivo de desempenhar papéis que lhe façam sentido. Começa a trazer em seu discurso, e através de novas atitudes, que não quer mais se incomodar com o que os outros pensam sobre ela, mas o que realmente considera importante e significativo. Como se trata de uma jovem de quinze anos existiu um cuidado considerando sua fase de desenvolvimento e discurso sempre permeado de temor aos seus pais e crença religiosa. Estive sempre ressaltando que, expor o que pensa e sente, não significava ser rebelde ou faltar com respeito às suas crenças e valores construídos ao longo de sua vida. Falar e assumir para si mesmo, sua família e mundo suas necessidades singulares e subjetivas, é uma escolha para atender as suas necessidades peculiares e que a diferencia dos outros. Seus pensamentos, sentimentos e ações precisam

encontrar espaço para só assim existirem, num contexto de relação recíproca com seu mundo interno e externo. A jovem começa a trazer novas experiências, entre elas suas atividades no grupo de trabalho escolar, em que assumiu a liderança do grupo, participando ativamente da construção do trabalho e no dia da apresentação com a falta da colega que iria apresentar, ela assumiu a tarefa e desempenhou com sucesso. Segundo sua fala, ficou um pouco nervosa, mas foi uma experiência bem significativa de enfrentamento ao seu medo e timidez, que no momento não houve uma hesitação, nem uma obrigação em fazer a apresentação, ela apenas escolheu fazer e foi bom. Juliana começa a entrar em contato com experiências antes evitadas por não se lançar e experimentar fazê-las. Era como uma criança doente e incapacitada de realizar algumas coisas, aos poucos se desvelando e assumindo uma postura ativa diante de sua própria vida, com isso decidiu que não mais queria fazer terapia, desta vez de forma leve e clara. Mais uma vez pediu desculpas e então reforcei que ela podia fazer essa escolha, só dependia dela, ir ou ficar, e que faz parte do processo de conquista de uma maior autonomia às vezes frustrar o outro, e frustrar-se também.

Agora que Juliana, apropriada de si, em exercício de sua autonomia, havia comunicado aos pais seu desejo de encerrar o processo e os motivos para tal, solicitei um encontro com seus pais, momento este que fiz uma devolutiva, em especial a decisão feita por Juliana e de quanto a tomada de decisão dela estava sendo significativa. Fui surpreendida por tudo que ouvi. Os pais, em especial a mãe da jovem, muito emocionada e indignada, relata de uma insatisfação pelo interrompimento da terapia, pois era muito perceptível as mudanças que haviam acontecido nas atitudes de Juliana. A jovem tímida estava a cada dia surpreendendo-os, como a realização da apresentação na escola já citada anteriormente, em que eles estavam presentes. Mostrou-me um vídeo feito pelos três filhos numa homenagem ao dia dos pais em que Juliana se destaque com muita segurança e extroversão ao se expressar livremente, empoderada e equilibrada de suas emoções. Foi lindo e inexplicavelmente divino de ouvir seus pais falarem sobre sua mudança, divino, pois considero algo transcendente o “desvelar-se” de um ser. Foge ao nosso campo de visão e percepção, simplesmente, acontece.

Confesso que não esperava uma afetação tão grande de seus pais, tendo em vista o quanto eles estavam presos ao quadro clínico e a uma infantilização de Juliana. A fala dos seus pais me proporcionou ainda mais segurança em sustentar juntamente com ela sua escolha de encerrar o processo. No dia do fechamento do caso com Juliana, pude perceber muita segurança em sua decisão e um campo ainda mais livre para um momento em que ela precise ou decida voltar, Juliana falou: “Eu estou evoluindo”. Todo o contexto descrito desta prática elucida a perspectiva da abordagem teórica gestáltica, que concebe o homem um ser, livre, único e inacabável, finito e infinito, que é oscilante, e que em contato com sua liberdade faz suas escolhas, consciente de suas responsabilidades encontra sentido para sua existência. Apoderando-se de sentido, amplia seu mundo, sua consciência, sua *awareness*. Sendo a *awareness*, um dos principais pilares do trabalho clínico fenomenológico e gestáltico, é uma consciência em fluxo em sua expressão correlata, (REHFELD, 2013). Sobre esse aspecto:

Cardoso (2013, p. 63) afirma:

“Nesse sentido, a Gestalt-terapia é uma abordagem existencial por ser uma proposta de reflexão sobre a existência humana, buscando auxiliar a pessoa a ampliar sua consciência de si e do mundo (ou seja, sua *awareness*) a fim de capacitá-la a fazer escolhas autênticas e responsáveis e a organizar sua vida de maneira significativa para si. Sua prática é sustentada pela concepção de homem como ser no mundo em relação, num perene vir a ser, sempre aberto para consumir seu projeto existencial”.

A minha pessoa de terapeuta e ser que sente, pensa e constrói a partir de suas escolhas, escolheu doar-se a esse processo e aos outros que tenho acompanhado durante o ano que corre. Percebo que assim como esta família, senti medo, insegurança e angústias. E só me afetando com todas as emoções que envolveram o caso, foi possível caminhar junto com eles, principalmente com Juliana. Não tive durante todo o período de estágio objeções em atendimentos à determinado público, ou melhor dizendo, até tive, mas não fiz exposição dele, apenas me abri as experiências que o campo me permitisse vivenciar, sem delongas me envolvi de uma forte autenticidade ao que precisava no aqui-agora e tenho convicção de que precisarei sempre, o aprendizado. E agora percebo e sinto, fiz uma excelente escolha. Foi uma

rica e emocionante experiência, aprendi que independentemente de uma determinada fase do desenvolvimento, existe sempre um ser de vontade, que é livre e pode fazer suas escolhas. A abordagem escolhida para conduzir minha atuação, a GT, possibilita a verdadeira expressão do que realmente sou, no espaço de tempo do aqui-agora através de uma *awareness*, desvelada dia após dia. E diante do caos encontro novas possibilidades, sempre. Tive e tenho dúvidas, angústias, medos e inseguranças. Porém a partir de uma visão de homem livre da qual hoje me apodero, permito-me experimentar, errar, sofrer, chorar, sorrir, cantar e ou pular de alegria quando assim sinto vontade. Todas as construções e desconstruções que culminam ao término de minha formação, com certeza me tornam uma pessoa melhor, que julga menos, escuta mais e sente-se aberta as novas possibilidades para o novo ciclo de vida que apenas se inicia, em detrimento de um outro que se fecha. E sobre essa perspectiva, o autor afirma:

“A GT considera a *awareness* como uma contínua rearrumação das partes de um todo que, sob novos ângulos ou acrescentando-se novos dados, podem ser finalmente compreendidas. Daí, antes o que era vista como uma situação caótica, angustiante, ou sem nenhuma mensagem, vai sendo continuamente atualizada e percebida, solucionando o problema de forma criativa, atingindo o ponto central, fechando a Gestalt anteriormente aberta.” (Rodrigues, 2013, p. 175)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda trajetória para construção desse trabalho de término de curso (TCC), desde o início da formação em profissional de psicologia, tem sido de fundamental importância às várias construções e desconstruções teóricas e prática durante o processo. O profissional da psicologia precisa estar aberto as constantes mudanças na história da humanidade através dos tempos. Mas que compreender, esse profissional precisa atuar legitimamente a favor do autêntico e peculiar bem estar da pessoa que solicita seu trabalho. Trabalho que antes de tudo deve ser acolhedor, sem *a priori*, julgamentos e preconceitos. No referido trabalho de término de curso (TCC), foram elencados os pressupostos teóricos que sustentam e fundamentam a abordagem da Gestalt-Terapia, assim como também um estudo de caso, fruto da prática em estágio supervisionado nas Clínicas Integradas do UNI-RN. A conclusão do referido trabalho culmina no fechamento de mais um ciclo, entre tantos outros vivenciados durante esses cinco anos. Todas as atividades desenvolvidas durante o percurso acadêmico, aulas teóricas, pesquisas teóricas e de campo, estágios práticos e cursos de extensão, resultam em conhecimentos e vivências que a partir de agora levarei comigo e passarei adiante através de uma atuação ética e comprometida com o público que venha a solicitar meus serviços. Mais que uma formação profissional, o presente curso proporciona uma mudança de ser pensante, para um ser atuante. O que antes era uma, ideia, pensamento, hoje é uma concepção de vida, é um fato. Existe um referencial teórico que sustenta aquilo que antes estava apenas em meu imaginário. O “ser” e o “existir”, precisa estar harmoniosamente pautado de sentido, e quando não, precisa se ajustar criativamente e encontrar novas formas de se relacionar consigo e com o outro. E toda trajetória foi possibilitada a partir de uma escolha e busca de sentido para minha atuação profissional e concepção atual de vida.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do Nascimento. Aspectos Humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Nufen**. Pará, v. 4, n. 2, p.21-36, dez. 2012.

CARDOSO, Claudia Lins. Gestalt terapia: a face existencial da gestalt terapia. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. **Gestalt terapia**. São Paulo: Summus, 2013. Cap. 4, p. 63.

EWALD, Ariane P.. Fenomenologia e existencialismo: Articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p.149-165, jun. 2008.

FRAZÃO, Lilian Meyer et al (Org.). **Gestalt terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). O método fenomenológico em pesquisa gestaltica. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. Cap. 3, p. 41.

MENDONÇA, Marisete Malaguth et al. A Psicologia Humanista e a Abordagem Gestáltica. In FRAZÃO, Lilian Meyer et al (Org.). **Gestalt Terapia**. São Paulo: Summus, 2013, p. 75 à 98.

PENHA, João da. **O que é o existencialismo**. 18. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2014. 61 v.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade Mecum de Gestalt Terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

REFHFIELD, Ari et al. Fenomenologia e Gestalt. In FRAZÃO, Lilian Meyer et al (Org.). **Gestalt terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**, FRAZÃO, Lilian Meyer et al (Org.). São Paulo: Summus, 2013, p. 24 à 33.

RODRIGUES, Hugo Elidio. **Introdução a Gestalt Terapia**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.